

ROBERT COLLIER

**SOMOS AQUILO
QUE ESCOLHEMOS SER**

Tradução de
Carla Ribeiro

Índice

Prefácio	9
Parte Um	11
I. A maior descoberta do mundo	13
No princípio	14
O propósito da existência	16
O «abre-te, Sésamo!» da vida	18
II. O génio da sua mente	21
A mente consciente	24
A mente subconsciente	25
A mente universal	35
Parte Dois	39
III. A causa primordial	41
Matéria – sonho ou realidade	44
O feitiço do filósofo	48
O reino dos céus	50
«Àquele que tem»	53
«À maneira nascido»	57
IV. Desejo – A primeira lei do ganho	61
O segredo mágico	64
«O sincero desejo da alma»	68

Parte Três	75
V. Aladino e companhia	77
VI. Veja-se a fazê-lo	89
VII. «O homem é aquilo que pensa»	97
VIII. A lei da oferta	105
O mundo pertence-lhe	106
«Procurado»	113
 Parte Quatro	 119
IX. A fórmula do sucesso	121
O talismã de Napoleão	122
«Não podia ser feito»	126
X. «Esta liberdade»	131
O único poder	134
XI. A lei da atração	139
Um cheque em branco	144
XII. Os três requisitos	149
XIII. Essa velha bruxa – a má sorte	155
Aquele a quem um sonho possuiu	158
As grades do destino	161
Exercite-se	164
 Parte Cinco	 167
XIV. As suas necessidades são atendidas	169
A Arca da Aliança	172
A ciência do pensamento	176
XV. O mestre do seu destino	181
Hectares de diamantes	183
XVI. Milhões disponíveis	189
XVII. O segredo do poder	193
XVIII. Isto eu faço	197
 Parte Seis	 205
XIX. A mente mestra	207
XX. O que lhe falta?	213

SOMOS AQUILO QUE ESCOLHEMOS SER

XXI. O escultor e o barro	221
XXII. Porquê envelhecer?	229
A fonte da juventude	234
Parte Sete	243
XXIII. O engano da medicina	245
XXIV. O dom dos magos	253
«Deixai vir a Mim as criancinhas»	276
<i>L'envoi</i>	278

«Uma bruma de fogo e um planeta,
Um cristal e uma célula também,
Uma medusa e um sáurio ainda,
E a gruta que o cavernícola contém;
Então, uma impressão de lei e ordem,
Uma face da terra erguida aos céus;
Uns chamam-lhe Evolução e outros Deus.»

Reproduzido do The New England Journal

Prefácio

Se tivesse mais dinheiro do que tempo, mais milhões do que saberia como gastar, qual seria a sua filantropia de estimação? Bibliotecas? Hospitais? Igrejas? Lares para cegos, inválidos ou idosos?

A minha seriam «lares» – mas não para idosos ou doentes.
Para jovens casais!

Penso muitas vezes que, se alguma vez me juntasse à classe dos «multimilionários filantropos», gostaria de criar um fundo de doações para ajudar jovens casais a ultrapassar os momentos difíceis do primeiro e segundo anos da vida de casados – principalmente o segundo ano, quando os verdadeiros problemas aparecem.

Tome-se um rapaz e uma rapariga com um aconchegante pequeno ninho – junte-se-lhes um bebé inteligente e saudável – e não há felicidade maior no verde escabelo de Deus.

Mas se, em vez de um bebé saudável, tivermos um bebé agitado e enfermiço, uma mãe pálida, cansada, desgastada, um pai preocupado, abatido, desolado, não há nada mais deplorável.

Uma ama durante um mês, algumas semanas na praia ou nas montanhas, uma «ajuda» com a pesada conta do médico – qualquer destas coisas significaria o C-É-U para essa pequena família. Mas tê-las-ão? Não é frequente! E o motivo? Porque não são pobres

o suficiente para receber caridade. Nem ricos o bastante para as pagarem eles próprios. Pertencem a essa grande «classe média» que tem de suportar os pesos tanto de pobres como de ricos – e de ficar com o que resta para si.

Gostava de lhes dedicar este livro. Se não posso financiar bibliotecas ou universidades para eles, talvez consiga apontar-lhes o caminho para obterem eles próprios todos os bons dons.

Pois os homens e as mulheres como eles não precisam de «caridade» – nem sequer de compaixão. Do que necessitam é de inspiração – e de oportunidade –, da que leva um homem a avançar e a criar a própria oportunidade.

E é esse, afinal, o maior bem que se pode fazer a alguém. Poucas pessoas apreciam as dádivas gratuitas. São como o homem a quem um admirador da cidade presenteou com um relógio. Observou-o criticamente por um minuto e depois perguntou: «Onde está a corrente?»

Mas uma forma de conquistarem *para si mesmos* a plena medida do sucesso com que sempre sonharam, mas que quase tinham deixado de esperar – *isso* é algo que todos os jovens casais receberiam de braços abertos. E que, se eu for capaz de lhe fazer justiça, tornará o «eterno triângulo» tão raro quanto hoje é comum, pois permitirá que marido e mulher trabalhem *juntos* – não só em prol da felicidade doméstica, mas também do sucesso profissional.

Robert Collier

PARTE UM

Capítulo Um

A MAIOR DESCOBERTA DO MUNDO

«Podes fazer tudo quanto julgas poder,
Mas nunca mais do que isso alcançarás;
Se a ti próprio, jovem, persistires em temer,
Pouco para ti reservado encontrarás.
Pois o fracasso vem primeiro do interior,
Está lá se o soubermos reconhecer,
E tu podes vencer, mesmo enfrentando o pior,
Se sentires que é isso que vais fazer.»

EDGAR A. GUEST¹

Qual é, na sua opinião, a mais importante descoberta desta era moderna?

A descoberta de ovos de dinossauro nas planícies da Mongólia, postos – segundo afirmam os cientistas – há cerca de 10 000 000 anos?

A escavação do túmulo de Tutankhamon, com os incomparáveis espécimes de uma civilização antiga?

O relógio radioativo com que o professor Lane, do Tufts College, estima que a idade da Terra ronde os 1 250 000 000 anos?

A rádio? O avião? Os relâmpagos artificiais?

¹ De *A Heap o' Livin'*, The Reilly & Lee Co.

Nada disso. O que estas coisas têm de significativo é que, a partir desta vasta pesquisa, do estudo de todas as eras passadas, os homens começam pela primeira vez a adquirir um entendimento desse «princípio vital» que, de alguma forma, foi trazido a esta Terra há milhares ou milhões de anos. E a ter uma ideia do infinito poder que ele coloca nas suas mãos – a vislumbrar as inúmeras possibilidades que lhes abre.

É esta a maior descoberta dos tempos modernos – que todo o homem pode invocar à vontade este «princípio vital», que é tanto um servo da sua mente como foi outrora o lendário «génio da lâmpada» de Aladino; que basta entendê-lo e trabalhar em harmonia com ele para obter tudo aquilo de que possa precisar – saúde ou felicidade, riqueza ou sucesso.

Para entender a verdade disto, basta recuar por um momento ao início das coisas.

NO PRINCÍPIO...

Não importa se acredita que a humanidade remonta ao homem-macaco primitivo de há 500 000 anos, ou que brotou totalmente desenvolvida da mente do Criador. Em qualquer dos casos, teve de existir uma primeira causa – um criador. Algum poder trouxe a esta Terra o primeiro gérmen da vida, e a criação não é menos maravilhosa se tiver começado com a mais humilde forma de vida vegetal, desenvolvendo-se depois através de inúmeras eras até ao mais alto produto da civilização atual, do que se o seu todo tivesse sido criado em seis dias.

No princípio, a Terra era apenas uma bruma de fogo – há seis mil anos ou há mil milhões –, que importa qual?

O que interessa é que, a determinada altura, de algum modo, chegou a este planeta o gérmen da vida – o princípio vital que anima toda a natureza – vegetal, animal, humana. Se aceitarmos a versão dos cientistas, a primeira forma foi a das humildes algas – uma massa gelatinosa a flutuar sobre as águas. Foi o princípio, a aurora da vida na Terra.

Seguiu-se o primeiro elemento de vida animal – a singela ameba, uma espécie de medusa, composta por uma célula, sem vértebras, e com pouco a distingui-la da água em seu redor. Mas tinha *vida* – a primeira partícula de vida animal – e, a partir dessa vida, segundo os cientistas, podemos descobrir a origem de tudo o que temos e somos hoje.

Os milhões de formas, estruturas e variedades de plantas e animais que surgiram desde então não passam de diferentes manifestações de *vida* – geradas para responder a diversas condições. Durante milhões de anos, este «gérmen da vida» foi ameaçado por variados perigos – inundações, tremores de terra, secas, o calor do deserto, o frio glacial, erupções vulcânicas –, mas cada novo perigo era para ele apenas um incentivo para encontrar um novo recurso, para criar uma nova vida.

A fim de responder a um conjunto de necessidades, formou o dinossauro – para responder a outro, a borboleta. Muito antes de chegar ao homem, vemos já o seu infinito engenho demonstrado de mil formas. De modo a escapar ao perigo na água, procurou terra. Perseguido em terra, elevou-se aos ares. Para respirar no mar, desenvolveu brânquias. Preso em terra, aperfeioou os pulmões. A fim de responder a um tipo de perigo, desenvolveu uma concha. Para outro, um ferrão. Querendo proteger-se do frio glacial, ganhou pelo. Em climas temperados, cabelo. Sujeito a alternâncias de frio e de calor, gerou penas. Mas sempre, desde o início, demonstrou o seu poder para enfrentar qualquer mudança de condições, para responder às necessidades de todas as criaturas.

Se fosse possível matar esta «ideia de vida», então ela teria perecido há séculos, quando fogo e sangue, seca e fome surgiam em rápida sucessão. Mas os obstáculos, os infortúnios, os cataclismos, eram apenas novas oportunidades de afirmar o poder. Na realidade, precisava de obstáculos para o despertar, para mostrar a energia e o engenho.

Os grandes répteis, as monstruosas bestas da Antiguidade, pereceram. Mas o «princípio vital» ficou, mudando a cada era, sempre em desenvolvimento, a aperfeiçoar-se.

Qualquer que tenha sido o poder que trouxe esta «ideia de vida» à Terra, dotou-a de recursos ilimitados, de energia ilimitada, de infinita VIDA! Nenhuma outra força pode vencê-la. Nenhum obstáculo a consegue deter. Ao longo da história da vida e da humanidade, é possível ver a sua inteligência orientadora – chamemos-lhe natureza, providência, o que quisermos – surgir para responder a todas as necessidades.

O PROPÓSITO DA EXISTÊNCIA

Ninguém pode segui-la através dos tempos sem se aperceber de que o propósito da existência é o CRESCIMENTO. A vida é dinâmica – não estática. Sempre a avançar – não para. O único pecado imperdoável da natureza é ficar parada, estagnar. O giganotossauro, que tinha mais de trinta metros de comprimento e era do tamanho de uma casa; o tiranossauro, que possuía a força de uma locomotiva e era a última palavra em pavor; o pterodáctilo ou dragão voador – todos os monstros gigantes do período pré-histórico – desapareceram. Deixaram de servir um objetivo útil. Não souberam responder à alteração das condições. Ficaram parados – estagnados – enquanto a vida em redor lhes passava ao largo.

Egito e Pérsia, Grécia e Roma, todos os grandes impérios da Antiguidade, pereceram quando deixaram de crescer. A China construiu uma muralha em seu redor e manteve-se parada durante mil anos. Hoje, é a bola das potências. Em toda a natureza, deixar de crescer é perecer.

Este livro destina-se a homens e mulheres que não estão prontos para ficar parados, que se recusam a deixar de crescer. Dar-lhe-á um entendimento mais claro das suas potencialidades, mostrando-lhe como trabalhar e tirar partido da infinita energia que o rodeia.

O terror do homem na encruzilhada, sem saber que caminho seguir, não será para si nenhum terror. O seu futuro só a si compete. Pois a única lei da infinita energia é a da oferta. O «princípio vital» é o seu princípio. Sobreviver, vencer, superar triunfantemente todos os obstáculos tem sido a sua prática quotidiana desde o início

dos tempos. Não é menos engenhoso agora do que outrora. Basta fornecer-lhe o impulso, trabalhar em harmonia com ele, para obter tudo aquilo de que poderá precisar.

Se este «princípio vital» é tão forte nas mais singelas formas de vida animal que pode gerar uma concha ou um veneno para responder a uma necessidade; se consegue ensinar uma ave a voar em círculos e a dardejar, a equilibrar-se e a voar; se pode fazer crescer um novo membro numa aranha para substituir uma extremidade perdida, quanto mais não lhe será possível fazer por *si* – um ser sensato e racional, com uma mente capaz de *trabalhar com* este «princípio vital», com uma energia e uma iniciativa aptas a impulsioná-lo!

As evidências disto estão em tudo o que o rodeia. Dedique-se a um exercício violento – remo, ténis, natação, equitação. No início, os seus músculos estão fracos, cansam-se facilmente. Mas continue a praticá-lo durante alguns dias. O «princípio vital» não tarda a fortalecê-los, a endurecê-los, para responder à sua nova necessidade. Se fizer trabalhos manuais duros, o que acontece? A pele das mãos torna-se sensível, forma bolhas, dói-lhe. Se continuar, a sua pele desgasta-se? Pelo contrário, o «princípio vital» confere-lhe uma espessura adicional, maior dureza – calos, como lhes chamamos – para responder à sua necessidade.

Ao longo da vida, encontrará este «princípio vital» constantemente em ação. Acolha-o, trabalhe com ele, aceite-o dentro de si, e não existe nada que não consiga fazer. O mero facto de ter obstáculos para superar joga a seu favor, pois quando não há nada para fazer, quando as coisas correm demasiado bem, este «princípio vital» parece dormir. É quando precisa dele, quando o invoca com urgência, que está mais ativo.

Diverge da «sorte» neste aspeto, em que a fortuna é uma dama caprichosa que sorri mais a quem menos precisa dela. Aposte o seu último cêntimo no virar de uma carta – não ponha nada entre si e a ruína além do girar de uma roda ou da velocidade de um cavalo –, e é bem provável que a «sorte» o abandone! Mas acontece o oposto com o «princípio vital». Enquanto as coisas correrem

bem, enquanto a vida fluir como uma canção, ele parecerá dormir, seguro no conhecimento de que os seus assuntos podem tomar conta de si mesmos.

Mas quando as coisas começarem a correr mal, quando a ruína e a desgraça o olharem de frente – *então* chegará o momento em que este «princípio vital» se afirmará, desde que lhe dê uma oportunidade.

O «ABRE-TE, SÉSAMO!» DA VIDA

Há uma sensação napoleónica de poder *que garante o sucesso* no conhecimento de que este invencível «princípio vital» está por trás de todos os seus atos. Sabendo que tem a trabalhar consigo uma força que ainda não falhou em nada do que se propôs realizar, pode avançar com a convicção de que também no seu caso não falhará. O engenho que venceu os obstáculos para fazer de si o que é talvez não lhe falhe sempre que necessitar dele. É a força de reserva do atleta, o «segundo fôlego» do corredor, o poder que, nos momentos de grande stresse ou excitação, invoca inconscientemente para concretizar os atos que depois entenderá como sobre-humanos.

Mas não são de todo sobre-humanos. Estão apenas para lá da capacidade do eu consciente. Alie o eu consciente a esse gigante adormecido no seu interior, desperte-o diariamente para a tarefa, e esses atos «sobre-humanos» tornar-se-ão nas suas realizações normais do quotidiano.

W. L. Cain, de Oakland, no Oregon, escreveu: «Sei que esse poder existe, pois vi em tempos dois rapazes, de dezasseis e dezoito anos, erguerem um grande tronco de cima do irmão, que ficara preso debaixo dele. No dia seguinte, os mesmos dois rapazes, outro homem e eu próprio tentámos erguer a ponta do tronco, mas nem sequer conseguimos movê-la.»

Como conseguiram os dois rapazes fazer, num momento de necessidade, o que quatro não foram capazes mais tarde? Porque nunca pararam para questionar se *podia* ou não ser feito. Viram apenas a urgência. Concentraram o pensamento, a energia, nessa única coisa – sem duvidar, sem temer –, e o génio que está em

todos nós, à espera desse apelo, respondeu à convocatória e deu-lhes a força – não de dois homens, mas de dez!

Não importa se é banqueiro ou advogado, empresário ou escrivão. Se é o guardião de milhões, ou tem de lutar pelo pão de cada dia. Este «princípio vital» não faz distinção entre ricos e pobres, entre superiores e inferiores. Quanto maior for a necessidade, mais prontamente responderá ao chamado. Onde quer que haja uma tarefa invulgar, onde existir pobreza ou privação ou doença ou desespero, *aí* estará esse servo da mente, pronto e disposto a ajudar, pedindo-lhe apenas que o invoque.

E não só está pronto e disposto, como é sempre *CAPAZ* de ajudar. O seu engenho e os seus recursos são ilimitados. É mente. É pensamento. É a telepatia que transporta mensagens sem a palavra oral ou escrita. É o sexto sentido que o alerta para os perigos invisíveis. Por mais assombroso e complicado, ou por mais simples que o seu problema seja, a solução para ele está algures na mente, no pensamento. E uma vez que a solução existe, este gigante mental pode encontrá-la por si. Pode *SABER*, e pode *FAZER*, todas as coisas certas. Tudo quanto precisar de saber, tudo quanto precisar de fazer, pode sabê-lo e fazê-lo se simplesmente procurar a ajuda deste seu génio mental e trabalhar com ele da forma certa.